

**AS MURALHAS
VÃO CAIR**

© 2020 by Pe. Reginaldo Manzotti

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela PETRA EDITORIAL LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

PETRA EDITORA
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Foto de capa: Felipe Gusso

NIHIL OBSTAT
Pe. Fabiano Dias Pinto
Censor arquidiocesano

 + José Ant.

Copyrighted image

IMPRIMATUR
† Dom José Antônio Peruzzo
Arcebispo Metropolitano de Curitiba
Curitiba, fevereiro de 2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M253m

Manzotti, Reginaldo

As muralhas vão cair: como fazer um Cerco de Jericó em sua vida / Reginaldo Manzotti. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Petra, 2020.

176 p.; 23 cm.

ISBN 9788582781784

1. Igreja Católica - Orações e devoções. 2. Grupos de oração - Cristianismo. I. Título.

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439
24/01/2020 24/01/2020



Capa

Folha de rosto

Créditos

Introdução

Capítulo 1. De Onde Vem a Força que Derruba Muralhas.

Capítulo 2. Deus Quebrou as Muralhas na Vida de Moisés

Capítulo 3. Quebrando os Alicerces das Muralhas

Capítulo 4. Realizando um Jericó na sua Vida

Capítulo 5. Atingir os Alicerces da Muralha pela Oração

Capítulo 6. Abrindo Frestas nas Muralhas pela Ação do Espírito Santo

Capítulo 7. As Sete Voltas em Torno da Muralha, Louvando, Clamando e Confiando em Deus

Capítulo 8. Derrubando Todas as Muralhas

Capítulo 9. Reerguer-se com Maria

Capítulo 10. Tomando Posse da Terra Prometida, cujo Rei é Jesus

Cristo

Conclusão

Referências bibliográficas

Colofão

INTRODUÇÃO

Copyrighted image

Nos tempos atuais, é muito comum a realização de “Cercos de Jericó” nas comunidades cristãs.

Muitas pessoas saem edificadas e recebem graças por meio dessas celebrações. Em geral, são muito fervorosas e envolventes. Porém, será que você sabe de onde provém este rito celebrativo?

Ele tem origem bíblica, todos sabem, mas nem sempre se compreende o contexto histórico e pedagógico dos fatos narrados.

Os primeiros capítulos deste livro têm, pois, o objetivo de levar o leitor a uma imersão na história do povo de Israel e situá-lo em relação ao plano salvífico de Deus.

Na mesma proporção em que houve uma popularização dos “Cercos de Jericó”, disseminou-se o uso do termo “as muralhas vão cair”. No contexto bíblico do Antigo Testamento, imediatamente identificamos que se trata da muralha da cidade de Jericó, última resistência antes que o povo de Deus, liderado por Josué, tomasse posse da Terra Prometida. Ter conhecimento disto, sem dúvida, é de fundamental importância, mas não basta. Como vincular, após tantos séculos, essa história de perseverança e vitória à realidade dos que, hoje, com tanto ânimo, se propõem a “fazer” um Cerco de Jericó na própria vida? Como identificar quais são as muralhas a derrubar?

Vale lembrar que também existem muralhas erguidas e solidificadas no seio da própria Igreja. O mesmo se aplica à sociedade contemporânea de modo geral, que, nas palavras do Papa Francisco, cria muros e uma periferia existencial isolada e excludente.

Mas este livro vai além. Abordamos, também, um fato ocorrido no início do pontificado de São João Paulo II, que resgatou esse riquíssimo fruto do Antigo Testamento. Identificado como o primeiro Cerco de Jericó dos tempos recentes, ele revela a própria vontade de Deus de que sua Igreja e os cristãos de hoje se valham desse instrumento de oração, clamor e intercessão.

O leitor verá, ainda, no decorrer dos capítulos, que é preciso fazer uma releitura dos elementos da grande vitória e derrubada da muralha de Jericó. Refiro-me, em especial, à antiga Arca, que constituía a presença visível de Deus e que veio a ser substituída pela total e real Presença Divina, isto é, Jesus Cristo.

Fiz questão, ainda, de trazer uma das fórmulas disponíveis (bem como suas exigências) do rito do Cerco de Jericó. Antecipo que o rito apresentado aqui não é algo já presente nos livros de rito da Igreja, nem mesmo o único existente, mas corresponde ao que comumente tem sido aplicado. E, apesar de não ser uma liturgia oficial, podemos observar que as orações, os salmos, as leituras das Sagradas Escrituras e seus outros elementos estão relacionados com a forma habitual de rezar do povo de Deus e pertencem à tradição católica.

A necessidade de treinar a vida de oração e de sermos pessoas íntimas de Deus ocupará alguns capítulos, uma vez que não temos como derrubar nenhuma muralha, por mais frágil que seja, sem oração. Pelo contrário, à medida que crescemos em conhecimento, vemos que é graças ao poder da prece que podemos conquistar tudo.

Na escola da oração, nos inspiraremos no exemplo de João, o apóstolo e evangelista que foi moldado pelo próprio Jesus, que lhe deu três grandes presentes. Além de descobrir quais são eles, entenderemos que também são oferecidos a nós pelo mesmo Jesus.

Nesse caminho de aprendizado, ainda teremos como referência alguns místicos e doutores da nossa Igreja, como Santa Teresa d'Ávila, Santo Agostinho e São Pio de Pietrelcina.

Aprofundando mais nossa jornada, será possível pedir e rezar os frutos do Espírito Santo. Isso nos capacita e não nos deixa desanimar na espera da graça, fazendo-nos crescer em Deus.

O sétimo capítulo é inteiramente dedicado à oração que o próprio Jesus nos ensinou, isto é, ao Pai-nosso, bem como ao modo de rezá-lo. Veremos como não se trata de uma fórmula a ser decorada e mergulharemos em cada uma de suas petições, a fim de nos redescobrirmos como filhos de um Deus magnânimo que se deixa chamar de Pai.

Veremos, em seguida, como Maria foi preparada desde sua concepção para ser a Mãe de Nosso Senhor e como, mesmo sendo a escolhida de Deus, ela sempre esteve na retaguarda de Jesus. Também teremos a oportunidade de abordar como a falta de relatos sobre a Virgem nos Evangelhos tem um propósito claro — deixar em primeiro plano a evangelização — e como ela se comporta nos momentos cruciais da vida do Filho. Apesar dos poucos registros que há sobre Maria, é possível reconstituir os principais momentos de sua vida e nos identificar com ela em algumas dimensões do seu sofrimento.

Chegou, portanto, a hora.

Você tem muralhas a serem derrubadas?

Quer fazer um verdadeiro “Cercos de Jericó” em sua vida?

Venha comigo descobrir o poder da oração e como é imensa e maravilhosa a ação de Deus, que por meio de Jesus Cristo quis mostrar a incomparável riqueza da sua graça (cf. Ef 2, 7).

CAPÍTULO 1

DE ONDE VEM A FORÇA QUE DERRUBA

MI

Copyrighted image

Não há dúvidas de que o poder de Deus é capaz de aniquilar todas as forças malignas e transformar vidas. Contudo, para dificultar nosso acesso a esse pacote infinito de bênçãos e graças, existe o que costumamos chamar de “muralhas”, algo que nos mantém aprisionados, ladeados por paredes, sem condições de alcançarmos a felicidade plena, ou simplesmente de caminhar. Em minha missão como orientador espiritual, escuto todo tipo de queixa e frustração, mas a verdade é uma só: muitas dessas paredes e correntes que nos aprisionam e nos fazem perder o domínio sobre nossa própria vida, chafurdando na ruína material e espiritual, são construídas por nós mesmos.

Todos sabemos que é cada vez maior o número de pessoas que se sentem isoladas, deslocadas, cercadas de muros e paredes por todos os lados. Vivem em uma espécie de bolha de isolamento, como se não pertencessem a nada nem a ninguém, acostumados, por exemplo, a substituir diálogos íntimos e significativos com entes

próximos por um mero dispositivo tecnológico. Não é à toa que vejo inúmeras famílias se esfacelando por causa disso.

Agora, responda com sinceridade: é assim que você quer continuar sua caminhada neste mundo?

Podemos derrubar quantas muralhas houver em nossas vidas — na família, no matrimônio, no trabalho... E eu incluo nessa lista aquelas que nos parecem mais intransponíveis, como as doenças e os vícios! Para isso, porém, precisamos urgentemente nos conscientizar de que todos pertencemos ao “time” de Deus. “Confiai-lhe todas as vossas preocupações, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pe 5, 7).

Se a vida é o primeiro e maior dom que recebemos de Deus, a liberdade é o segundo. Bato muito nesta tecla: nunca estivemos sob o domínio de um Deus tirano, pois Ele sempre nos brindou com a faculdade de fazermos escolhas. O livre-arbítrio é próprio do ser humano, e a redenção de Jesus conta com ele. Se, em nossa vida alienada, várias coisas ainda nos escravizam, podemos manifestar ao Senhor nossa vontade de nos libertar.

Portanto, minha intenção aqui é ajudar a identificar, na sociedade atual, tanto a lista de muralhas que nos aprisionam quanto as medidas concretas que podemos tomar para derrubá-las de uma vez por todas, de modo a seguirmos sempre em frente, sabendo que o Senhor não nos abandona.

Por mais inacreditável que pareça, as respostas de que precisamos para sair dessas situações já nos foram dadas há muito tempo. É isso mesmo: toda a inspiração para que essas muralhas e correntes sejam quebradas vem do caminho do povo de Israel na busca da Terra Prometida.

**COMPREENDA QUE É SEMPRE O MESMO
DEUS QUE NOS CONDUZ**

Cresci ouvindo um hino na Igreja cuja letra é: “O povo de Deus no deserto andava, mas à sua frente alguém caminhava. (...) Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada...”

Isso nos remete a um passado muito distante; mais precisamente, à libertação do povo escolhido, episódio crucial da economia da salvação em que Deus, por meio de Moisés, livrou os israelitas da escravidão no Egito. Todos sabemos o que aconteceu depois. Durante quarenta anos, eles caminharam pelo deserto em busca da Terra Prometida.

Tudo bem, talvez você esteja pensando: “Mas o que isso, padre, tem a ver com a minha vida?”

Muito, minha filha! Muito, meu filho! Acredite! Trata-se do exemplo de um povo que clama a Deus e é ouvido. Esse famoso episódio revela o poder da oração e da intercessão por intermédio de Moisés.

O Êxodo não é simplesmente um fato do passado: vivemos um êxodo permanente em nossas vidas, tendo de lidar o tempo todo com as dificuldades da trajetória, o que inclui inúmeros tropeços, dúvidas e tentações.

Quando observamos a caminhada dos hebreus pelo deserto, entendemos melhor a nossa. Trata-se de acontecimentos comuns em todos os tempos da história. Afinal, somos o povo de Deus e estamos peregrinando nesta terra rumo à pátria definitiva.

O percurso da vida de cada um de nós nunca é feito em linha reta. Desvios e sobressaltos podem ocorrer, e nem sempre transitamos por lugares iluminados, seguros e agradáveis. Todavia, precisamos nos manter na caminhada, que é realizada passo a passo. Durante o trajeto, paramos, desanimamos, murmuramos, refletimos, retomamos e avançamos. Portanto, guardados os detalhes, existem muitas semelhanças entre aquela caminhada de outrora e a nossa de hoje — a começar pelo fato de que é sempre o mesmo Deus que nos conduz.

Deus, obviamente, é muito habilidoso para confundir nossos inimigos. Se tivermos alguma dúvida quanto a isso, basta recordarmos esta narrativa: “O anjo de Deus, que marchava à frente do exército dos israelitas, mudou de lugar e passou para trás; a coluna de nuvens que os precedia pôs-se detrás deles, entre o acampamento dos egípcios e o de Israel. Era obscura, e alumiaava a noite. E não puderam aproximar-se um do outro, durante a noite inteira” (Ex 14, 19-20).

Hoje, nós temos a Palavra de Deus a nos guiar; os hebreus, por sua vez, contavam com a nuvem que expressava a vontade do Senhor, como se lê no Livro dos Números: “Quando se levantava a nuvem sobre a tenda, os israelitas punham-se em marcha; no lugar onde a nuvem parava, aí acampavam. À ordem do Senhor levantavam o acampamento, e à sua ordem o assentavam de novo (...). E observavam o mandamento do Senhor, como este lhes tinha ordenado por Moisés” (Nm 9, 17-18, 23).

A presença do Senhor nos traz sobretudo alento. Imagine o quanto o clima do deserto não maltrata com seu sol escaldante durante o dia e sua escuridão e queda de temperatura à noite. No calor excessivo, a presença de uma nuvem serve para dar uma boa aliviada. Por outro lado, quando está muito frio e escuro, o fogo ilumina e aquece. Foi o que exaltou o salmista ao recordar as maravilhas do Senhor: “Para os abrigar Deus estendeu uma nuvem, e para lhes iluminar a noite uma coluna de fogo” (Sl 105, 39).

Entretanto, diante de tantas dificuldades, os hebreus começaram a se voltar contra Moisés e, por extensão, contra Deus. Primeiramente, reclamaram da água, pois não conseguiam beber em razão do gosto amargo. Deus resolveu o problema indicando um tipo de planta que Moisés atiraria na água a fim de torná-la própria para o consumo. Mais adiante, em Refidim, um dos lugares visitados durante o Êxodo, questionaram: “Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matar de sede a nós, a nossos filhos e a nossos animais?”

Novamente, Moisés buscou o socorro do Senhor, que fez brotar água de um rochedo (cf. Ex 15, 22-27; 17, 1-7).

Todavia, os protestos continuaram no deserto de Sin: “Oxalá tivéssemos sido mortos pela mão do Senhor no Egito, quando nos assentávamos diante das panelas de carne e tínhamos pão em abundância! Vós nos conduzistes a este deserto, para matardes de fome toda esta multidão” (Ex 16, 3).

Misericordioso e compassivo, Deus então supriu as necessidades do povo enviando o maná e as codornizes para saciar sua fome. Segundo o texto bíblico, o maná era branco como a semente de coentro e tinha sabor de bolo de mel (cf. Ex 16, 31). Caía à noite com o orvalho e, quando exposto ao sol, derretia. Então, logo cedo o povo se espalhava para juntá-lo e o esmagava no moinho ou no pilão, cozinhando-o em seguida numa panela para fazer bolos (cf. Nm 11, 8).

Para alguns, a explicação mais provável para o incessante fornecimento do maná aos israelitas está em que, assim como o mel, ele seria produzido pelas enzimas digestivas de insetos comuns nas tamareiras, espécie de palmeira típica do deserto. Para outros, trata-se da resina de uma pequena árvore (*tamarix mannifera*) que existe em algumas regiões do Sinai e que, quando expelida, logo se coagula. Divergências à parte, o fato é que, de acordo com as Sagradas Escrituras, esse alimento esteve milagrosamente à disposição do povo hebreu todos os dias durante quarenta anos, onde quer que fixassem acampamento, até entrarem na terra de Canaã.

Infelizmente, lamentar e maldizer são características negativas daqueles que não confiam em Deus. Desse modo, muitos alegavam estar cansados de comer o “insosso” maná caído do céu e se puseram a protestar: “Quem nos dará carne para comer? Lembramo-nos dos peixes que comíamos de graça no Egito, dos pepinos, melões, verduras, cebolas e alhos” (Nm 11, 4-5).

De graça? Quanta blasfêmia! Afinal, eles eram escravos e trabalhavam feito condenados!

Inspirada por essa passagem bíblica, em que o desejo de se manter em uma relativa zona de conforto se sobressai ao desejo de liberdade, ficou célebre a expressão “chorar as cebolas do Egito”.

Esse episódio ilustra muito bem a prevalência do imediatismo nas pessoas, isto é, a perda da confiança na espera. O Pai mantém sua Palavra e nos oferece a libertação, mas conquistá-la exige um sacrifício que nem sempre estamos dispostos a enfrentar. Assim, acabamos perdendo aquilo que o Senhor preparou para nós.

Apesar dos tantos sinais enviados por Deus, como a abertura do Mar Vermelho para a travessia a pés enxutos, seguida do afogamento do exército egípcio, da presença da nuvem durante o dia e do fogo à noite, além do envio do maná e das codornizes, bastou Moisés subir a montanha e demorar a descer para o povo sentir-se abandonado e cair no terrível pecado da idolatria, construindo e adorando um falso Deus, um bezerro de ouro. Enquanto isso, Deus propunha sua Aliança, entregando a Moisés as tábuas da lei contendo os Dez Mandamentos (cf. Ex 32, 1-8).

Por causa da alienação espiritual daquele povo, a travessia que, a princípio, deveria durar quarenta dias demorou quarenta anos. A Terra Prometida foi conquistada pela geração seguinte. Ao longo dessa trajetória, muitos foram nascendo e, com exceção de Josué e Caleb, todos os que estiveram no Egito já haviam morrido.

EMPENHE-SE DIA E NOITE PARA QUE AS MURALHAS SEJAM DERRUBADAS

Após a morte de Moisés, Deus escolheu Josué para conduzir o povo hebreu, que logo se viu diante do desafio que servirá de guia para a derrubada das muralhas de sua vida. Prossigamos...

Para cada itinerário que se apresenta há um propósito divino, embora muitas vezes não consigamos perceber Deus ao nosso lado e nos fechemos ao seu amor, tornando-nos prisioneiros de nossos próprios problemas. Porém, do mesmo modo como esteve com o povo hebreu, Deus está conosco o tempo todo. Basta que tenhamos olhos para enxergar.

Evidentemente, o caminho que percorremos neste mundo é sempre marcado por insatisfações, mas o Senhor nos conduz com sua destra e nos dá o alimento para seguirmos rumo à vida plena. Muitas vezes, somos tão ou mais infiéis que nossos antepassados e nos revelamos divididos entre o Deus Verdadeiro e os falsos deuses.

É isso mesmo. Por que o espanto? Nós nos tornamos idólatras quando algo ocupa o lugar do Senhor em nosso coração.

Mas, ainda assim, Ele não desiste de nós.

Da mesma forma como o maná foi enviado para saciar a fome do povo no deserto, todos os dias Deus nos oferece Jesus, o Pão da Vida, o verdadeiro pão do céu que sacia a fome e a sede de vida eterna. Em Jesus, realiza-se o dom do amor de Deus que não acaba e que está disponível à humanidade pelos séculos dos séculos. A cada Missa, esse milagre se renova, mas muitas vezes continuamos “chorando as cebolas do Egito”, vivendo no saudosismo do passado, resignando-nos na mediocridade, sem nos prepararmos para prosseguir nossa trajetória e ir além.

Apesar de ser penosa, porque nos confronta com nosso próprio “eu”, com nossa essência, a experiência do deserto é pedagógica e muito proveitosa. Por isso mesmo o desconforto é importante, pois representa uma ocasião de libertação, de saída da “casa da escravidão” do pecado, das amarras que impomos a nós mesmos e nos impedem de seguir rumo às promessas de Deus. Como nos diz Oseias, é Ele mesmo que nos seduz e nos conduz ao deserto para falar ao coração (cf. Os 2, 16).

Independentemente de todas as diferenças que há entre os religiosos e os não religiosos, ambos concordam com que não pode haver mudança sem que a pessoa deseje realmente libertar-se e sem que trabalhe para que todas as correntes sejam quebradas. Neste nosso livro-guia espiritual, você perceberá que *trabalhar* significa, antes de tudo, *pedir*, suplicar diante de Deus, e *agir* para derrubar as muralhas da sua vida.

Oração

Para afastar os inimigos

Amado Jesus, creio nas tuas palavras:

“Amai vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem.”

Bem sei, Senhor, que esta é uma exigência do teu discipulado.

Não desejo mal a quem me persegue, e peço que tua bênção os favoreça.

Não desejo vingança, mas que teu amor os envolva.

Dai-me a graça de perdoá-los, pois esta é a minha decisão.

No entanto, com humildade e confiança suplico:

livra-me da pata do cão e da boca do leão.

Livra-me das notícias falsas e das calúnias difamatórias.

Faz, Senhor, que toda maldade a mim dirigida seja neutralizada,

que toda carga maligna seja destruída,

que todo inimigo seja afastado.

Se tiverem pés, que não me alcancem;

se tiverem mãos, que não me agarrem;

se tiverem olhos, que não me vejam;

e que sejam acorrentados de pés e mãos em tua Cruz.

Amém.

**AGORA ESCREVA, EM UM DOS BLOCOS DA MURALHA, O
QUE VOCÊ DESEJA REALIZAR EM SUA VIDA**

Copyrighted image

CAPÍTULO 2

DEUS QUEBROU AS MI Copyrighted Image NA

VIDA DE MOISÉS

Como sacerdote, sou testemunha viva de muitas graças obtidas e de muitas muralhas derrubadas: portas que estavam fechadas se abriram, crises conjugais e econômicas foram resolvidas, doenças e muitos outros problemas gravíssimos acabaram solucionados... Cada caso é um caso, como se diz popularmente, mas em todas essas histórias há um ponto comum e imutável: o poder absoluto de Deus, que derrama o Espírito Santo sobre o seu povo, com o Evangelho crescendo, sendo anunciado, acolhido, transformando vidas. “Ele nos salvou mediante o batismo da regeneração e renovação, pelo Espírito Santo” (Tt 3, 5).

Não é de hoje que o poder de Deus derrama o Espírito Santo sobre seu povo, e é conhecendo em profundidade essa história que nos aproximamos d’Ele. Por isso, continuemos recorrendo ao Livro do Êxodo, precisamente ao exemplo de Moisés. Ele é uma das figuras mais importantes da história antiga dos judeus, e sua influência perdurava mesmo no tempo de Jesus.